

Afetos e paixões: à procura de uma cura

Affections and passions: in search of a cure



10.21680/1983-2109.2024v31n64ID35200

Maria Borges

(UFSC)

maria.borges@ufsc.br

Resumo: Nesse artigo, mostrarei como Kant antecipa a utilização de estratégias fisiológicas para o controle de afetos que escapam de afetos e paixões como doenças da mente. Abordarei, então, a concepção de amor em Kant, comparando-a com a abordagem contemporânea deste sentimento por Brian Arp e Julian Savulescu em *Love is the Drug: the chemical future of our relationships*. Kant concebia os afetos como estados de carência ou excesso de excitação, seguindo a divisão do médico John Brown das doenças em astênicas e estênicas. Quando esses afetos são excessivos, ou excluem o domínio da razão, eles podem dar origem a doenças da mente, as quais, em casos extremos, devem ser curadas mediante uma estratégia medicamentosa. Por fim, mostro que a estratégia de

utilização de medicamentos para regular afetos intensos não era estranha à teoria kantiana.

Palavras-chave: *afeto, paixão, amor, Kant, cura.*

Abstract: In this article, I will show how Kant anticipates the use of physiological strategies to control affections that are beyond our rational control. I begin by presenting the Kantian conception of affections and passions as diseases of the mind. I will then address Kant's conception of love, comparing it with the contemporary approach to this feeling by Brian Arp and Julian Savulescu in *Love is the Drug: the chemical future of our relationships*. Kant conceived of affections as states of lack or excess of excitement, following the physician John Brown's division of diseases into asthenic and sthenic. When these affections are excessive, or exclude the domain of reason, they can give rise to diseases of the mind, which, in extreme cases, must be cured through a strategy of medication. Finally, I show that the strategy of using medicines to regulate intense affections was not foreign to Kantian theory.

Keywords: *affection, passion, love, Kant, cure.*

1. Afetos e paixões

Kant refere-se aos afetos e paixões da alma como doenças da mente, pois se opõem ao domínio da razão.

Estar submetido a afetos e paixões é sempre uma enfermidade da mente, porque ambas excluem o domínio da razão. Ambas são também violentas segundo o grau, mas, no que diz respeito à qualidade delas, essencialmente diferentes uma da outra, tanto no método de prevenção quanto no de cura a ser empregado pelos médicos (Anth, AA 7: 251).

Ambos, afetos e paixões, são enfermidades, contudo diferem quanto o grau de intensidade e violência, bem como no método de prevenção. A fim de explicar em que consiste essa diferença entre a doença do afeto e da paixão, Kant dá exemplos remetendo-nos a doenças físicas, tais como um ataque epilético, dor de cabeça, ou intoxicação resultante da ingestão de bebidas alcoólicas ou veneno:

O afeto atua sobre a saúde como um ataque epilético; a paixão, como uma tísica ou definhamento. O afeto pode ser visto como uma bebedeira que se cura dormindo, mas que depois dá dor de cabeça; a paixão, porém, como uma doença causada por ingestão de veneno ou como uma atrofia. (Anth, AA 7:252).

Podemos ver aqui o paralelo que Kant estabelece entre afetos, paixões e enfermidades do corpo: ataque epilético, tísica, dor de cabeça e até mesmo envenenamento. Kant não é o único no século XVIII a fazer essa comparação. Goethe também compara a doença da paixão amorosa à doença do corpo. Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, essa dor amorosa aparece como uma dor quase física e o protagonista compara a sua decisão pelo suicídio ao corpo que não tem mais forças para viver. Ao narrar a história de uma moça apaixonada que, ao ser desprezada pelo seu amante, suicida-se, ele justifica seu ato:

E não é esse o mesmo caso da enfermidade? A natureza não encontra nenhuma saída desse labirinto de forças intrincadas e antagônicas e o homem tem de morrer. Ai daquele que, à vista disso, fosse capaz de dizer; 'Que louca! Se tivesse esperado, se houvesse deixado o tempo correr, o seu desespero ter-se-ia acalmado e em breve encontraria um outro que a consolasse'. É exatamente como se alguém dissesse: 'O louco vai morrer de febre! Se tivesse esperado até que suas forças voltassem, até que houvessem corrigido seus humores e apaziguado o tumulto de seu sangue, tudo se restabeleceria e estaria vivendo até hoje.' (Goethe, 2003, p. 75, 76)

Vemos, tanto em Kant, como em Goethe, um paralelo entre as doenças da alma e as doenças do corpo. Ao analisar o amor como afeto, Kant vai além nessa analogia, mostrando que o amor pode se assemelhar a uma cegueira provisória: “a pessoa que está apaixonada é cega em relação aos erros do objeto de amor, ainda que essa recupere sua visão uma semana depois do casamento” (Anth, AA 7:253).

O amor afeto quando não realizado sexualmente pode ainda se transformar no amor-paixão, que se assemelharia a um distúrbio compulsivo.

Utiliza-se o termo mania para designar uma paixão (mania por honra, vingança, domínio etc), exceto a do amor. A razão é que na medida em que o desejo tenha sido satisfeito (através do gozo), ele cessa, ao menos em relação àquela mesma pessoa. Portanto, pode-se apresentar como paixão estar apaixonadamente enamorado (enquanto a outra pessoa persiste na recusa), mas não se pode apresentar nenhum amor físico como paixão, porque ele não contém um princípio constante em relação ao seu objeto. (Anth, AA 7: 266).

O amor afeto, que busca e encontra sua satisfação física, ainda que possa induzir a falhas cognitivas quanto aos defeitos do ser amado, não é uma mania, pois não apresenta o aspecto obsessivo de outras paixões, como a ambição e a cobiça. Contudo, se há uma recusa do objeto amado, o aspecto obsessivo do amor se manifesta.

Ao analisar as doenças mentais, Kant afirma que as pessoas dizem "ele ficou louco de amor", mas o fato é que a pessoa já estava louca: "Apaixonar-se por uma pessoa de uma classe da qual esperar o casamento é a maior loucura não foi a causa, mas sim o efeito da loucura". (Anth, AA 7: 217). Surpreendentemente, a análise do amor paixão é feita, não no Terceiro livro da Antropologia, dedicado à Faculdade de desejar, mas na seção da Faculdade de conhecer dedicada às enfermidades da mente. Embora a relação entre o amor como paixão e a doença mental fosse muito inespecífica, a ideia de

Kant não está muito longe das descobertas contemporâneas sobre a ocorrência de uma instabilidade neuroquímica cerebral no amor.

4. A química do amor

No livro *Love is the drug*, Brian Arp e Julian Savulescu referem-se a várias pesquisas que mostram que a paixão do amor envolve modificações da química cerebral. Uma das experiências citadas foi realizada por Karen Fisher na State University of New York. Nela, foram selecionadas pessoas que admitiam estarem apaixonadas. Foram realizadas exames de ressonância magnética nos cérebros dos apaixonados, que revelou um aumento do fluxo sanguíneo numa determinada área cerebral, o centro de recompensa do cérebro.

Esse achado corroborou o resultado de outras pesquisas na área, que apontam a dopamina e a noradrenalina como neurotransmissores presente no estado de paixão amorosa.

Os autores de *Love is the drug* afirmam que temos três sistemas mentais distintos que fazem parte do amor romântico: o desejo, a paixão e a ligação. Cada estágio do amor envolve uma química específica. No primeiro estágio, temos os hormônios sexuais, principalmente a testosterona. Na segunda fase, propriamente romântica do amor, entram em cena a dopamina e a noradrenalina. A dopamina é responsável pela energia e foco no ser amado. Ela também dá uma sensação de bem-estar, muitas vezes tirando a fome e o sono. Nesse segundo estágio, temos uma diminuição de serotonina, contudo, induz a comportamentos obsessivo - compulsivos. Quando o amor é frustrado, seja por não ser correspondido, seja pelo rompimento, a dor psicológica será o resultado da diminuição do prazer devido à falta de dopamina, aliado à baixa serotonina que induz ao pensamento obsessivo no ser amado, ainda que sua vontade seja de esquecê-lo.

Na terceira fase, ou fase de apego, o principal neurotransmissor é a ocitocina. Visto que se referem a neurotransmissores e circuitos cerebrais diferentes, a atração sexual, a paixão romântica e a ligação não necessariamente andam juntas: “homens e mulheres podem copular com indivíduos por quem eles estão apaixonados, podem estar apaixonados por pessoas com quem não têm relação sexual e podem estar profundamente ligados a alguém por quem não nutram desejo sexual ou paixão romântica.” (Earp, Savulescu, 2020, p. 125)

A partir dessas descobertas da química cerebral presente nas fases do amor, Savulescu e Earp investigam a possibilidade de usarmos substâncias químicas tanto para produzir, quanto para extinguir uma paixão. Seria possível pensar uma forma química que atuasse como uma droga e que atenuasse a paixão amorosa? Se pensarmos na extinção, haveria uma dupla estratégia: o aumento de serotonina no circuito cerebral ou o bloqueio de dopamina e/ou ocitocina. A constatação de que apaixonados apresentam baixos níveis de serotonina foi feito, entre outros, pelo experimento da neurocientista Danatella Marazinni, segundo a qual a obsessão dos apaixonados, principalmente nos primeiros momentos do romance tem uma semelhança com distúrbios obsessivo-compulsivos, apresentando os mesmos baixos níveis de serotonina. Os autores sugerem que o mesmo tratamento utilizado nessa patologia poderia ser utilizado para diminuir os aspectos obsessivos de uma relação amorosa. O tratamento utilizado seria feito com base em inibidores seletivos de recaptação de serotonina (SSRIs), os quais provavelmente teriam um efeito de embotamento emocional dos intensos sentimentos envolvidos na paixão romântica, visto que a maioria dos pacientes tratados com esses medicamentos para depressão ou distúrbios obsessivo-compulsivos, “relatam uma menor habilidade para chorar, se

preocupar, ficar bravo ou se importar com os sentimentos dos outros” (Earp , Savulescu, 2020, p. 129).

Em relação ao apego e ligação, haveria a possibilidade de utilizar drogas bloqueadores de ocitocina, assim como de dopamina. Ainda que não tenha sido feito nenhum estudo em humanos, por razões éticas, os autores relatam estudos em mamíferos que apresentam uma proximidade no seu comportamento de acasalamento com os humanos, no caso, os ratos da pradaria (prairie voles). Num estudo, quando foi injetado, nas fêmeas dessa espécie, bloqueadores do ocitocina ou dopamina, elas perdiam sua tendência monogâmica, não se ligando mais ao macho com a qual copulavam, como era sua tendência anteriormente. Quando usado especificamente um bloqueador de dopamina, injetado no nucleus accumbens dos machos da espécie, eles não mais apresentavam a tendência de permanecer com a mesma fêmea e tornavam-se receptivos a interações com novas parceiras.

Ainda que não haja nenhum estudo em humanos sobre tais bloqueadores de ocitocina ou dopamina, os autores afirmam, citando Young, que álcool é uma droga que pode promover sexo sem envolvimento. Quando testado nos ratos da pradaria, o álcool curiosamente fazia com que os machos se tornassem promíscuos e os impedia de criar uma ligação, enquanto com as fêmeas dava-se exatamente o contrário. Que isso se passe dessa forma com os seres humanos, não se tem nenhuma evidência. (Earp, Savulescu, 2020, p.131)

5. Kant e a intervenção química para tratar emoções que resistem ao nosso controle

Podemos pensar que utilizar algum tipo de química para o controle das paixões e afetos esteja muito longe do que Kant propunha como controle das inclinações que resistem à razão. Ele admite, contudo, que há um componente fisiológico

nos afetos. Na Antropologia do ponto de vista pragmático, há uma referência explícita ao médico John Brown (1735-88), para o qual a causa das doenças é um aumento ou diminuição da excitação fisiológica. Assim doenças estênicas eram consequência de um excesso de excitação, enquanto doenças astênicas provinham de uma falta de excitação. Kant pretende classificar os afetos segundo o sistema de Brown: “os afetos são, em geral, ataques doentios (sintomas), e podem ser divididos (por analogia com o sistema de Brown) em estênicos, procedentes da força, e astênicos, procedentes da fraqueza.” (Anth, AA 7: 256).

Sem querer afirmar que os afetos não podem ser controlados de forma alguma, Kant admite que, em alguns casos, quando são muito intensos, seu controle ou cultivo não é obtido apenas por uma mudança de juízos, aos moldes do que a tradição estoica propõe. Tal controle, quando necessário, deve incluir estratégias corporais e fisiológicas, tais como relaxamento e até o uso de “medicações, que agirão diretamente na mente, alegrando-a ou aliviando as preocupações através da supressão ou estímulo de afetos”. Kant chega a afirmar que, para o controle de afetos intensos, seria melhor o uso de “altas doses de hellebore do que confiar no poder de cura da razão”. (Rek, AA 15:943)

No caso de afetos intensos, incontroláveis através da razão, ele aconselha o uso de estratégias medicamentosas. O hellebore, aqui referido, era um medicamento utilizado na época de Kant, que possuía propriedades calmantes. Ainda hoje é usado em homeopatia como tratamento de depressão e paralisias dos membros.

Kant, portanto, é um dos precursores da estratégia de propor medicamentos para atenuar os afetos que não se deixam controlar pela vontade. Ainda que confiando no poder da razão, tanto no seu uso teórico, quanto no seu uso prático,

o nosso filósofo é descrente do seu poder de cura das doenças da mente.

Referências

EARP, D; SAVULESCU. *Love is the drug*. Manchester: Manchester Univeristy Press, 2020.

FISCHER, Helen. *Why we Love, The Nature and Chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt and Company, 2004.

GOETHE, J.W. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

KANT, Immanuel. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht (Anth)*. Kants gesammelte Schriften. Band 7 (Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900-)

KANT, Immanuel. *Rektoratsrede (Rek)*. Kants gesammelte Schriften. Band 15 (Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900-)

(Submissão: 29/01/24. Aceite: 01/03/24)